

Guerra Social, Tensión Antisocial

Barcelona, Outono 2012

Distri Josep Gardenyes

josepgardenys.wordpress.com

uma continuação de “23 Tesis en Torno a la Revuelta”

Tradução

Editorial Finistere

dedicado a Gracia la Valle. Aún recordamos, 513 años después.

*“But it won’t be the witches
that are burning this time”*

Blackbird Raum

1. Uma Conversação Surda-muda

Já faz um tempo que existe um cisma ideológico entre todas as pessoas insurrectas que sinceramente querem destruir o Estado, o Capital e o patriarcado, e criar um mundo livre e solidário. Se diz que há os sociais e antissociais. Ainda que comum, é uma divisão pouco precisa, e precisamente por isso a utilizamos aqui, não para forçar as categorias dadas se não para revelar uma dicotomia falsa.

Em geral, o debate tem sido uma distração, uma confusão intencionada dos termos para defender posturas escolhidas. Se diz que é fácil fazer lenha de árvore caída, mas se a árvore em si é fictícia, sua lenha não vai produzir muito fogo. Para dissipar um pouco a fumaça, examinemos um episódio típico deste debate para logo poder ver com clareza a essência da guerra social e da tensão antissocial.

Na introdução do fanzine *¡Enrabiaos!* e em um artigo da revista *Terra Cremada* (“Não dar o braço à torcer”) se observam posturas muito distintas, mas em ambos textos se critica a um inimigo feito de fumaça. Escolho estas duas publicações porque as duas demonstram qualidade de pensamento e incluem textos muito bons. É dizer, não são as típicas denúncias *que-se-foda-tudo* que só são adequadas para ser escritas na parede de um banheiro público. É dizer, a conversação surdo-muda alcançou um nível muito alto.

Em *¡Enrabiaos!* se encontram as seguintes frases:

“Nos dirão que estamos perdendo uma oportunidade de ‘levar nossos discursos’. Não somos nem evangelistas nem políticos profissionais, não necessitamos ‘levar nosso discurso’ e, de fato, não há nada mais errado que pensar que temos um único discurso. Nossas ideias estão aí onde se questione a autoridade, a propriedade privada, os privilégios e a exploração; enfim, onde se questione e se atue contra qualquer forma de opressão e hierarquia. Onde isso aconteça, aí está nosso suposto discurso, sem necessidade de que, como apóstolos, tenhamos que pregá-lo.. E é essa identificação com quem luta contra a dominação o que nos faz nos reconhecer com os demais, sem necessidade de ter nos visto as caras.”

Se encontra aqui uma caricatura absurda da posição contrária. As intervenções anarquistas nas acampadas do 15M¹ iniciaram um monte de conversações, discussões e brigas, entre companheiros ou entre desconhecidos. Dia após dia, apareciam novos textos reagindo precisamente à situação do dia anterior, feito que demonstra que a

intervenção anarquista foi sobre tudo um diálogo com a realidade. Chama-lo “evangelismo” ou é mentir ou é padecer de uma falta grave de atitude crítica. Se o evangelismo fosse isso, os únicos que não seriam evangelistas seriam os que nunca falam com os demais. Sim é certo que alguns utilizaram em algum momento a frase “levar nosso discurso”, também o é que os anarquistas^{2 3} que intervíram nos acontecimentos acreditaram que tiveram um único discurso. De fato, nas acampadas, os anarquistas passavam muito tempo discutindo entre eles sobre os vários discursos. Para atacar a uma posição, o autor da introdução de *¡Enrabiados!* soma todas as crenças de tal posição numa só frase imprecisa, “levar nosso discurso,” e depois plantea a batalha com essa frase em vez de se enfrentar com as palavras, atitudes e ações dos companheiros que pretende criticar.

Ademais, o autor comete um erro grave quando supõe que “[n]ossas ideias estão aí onde se questione a autoridade”. Tantas vezes companheiros nossos viram a anarquia ali onde houvesse um distúrbio! Mas logo, em vários casos os mesmos meliantes romantizados não demonstraram nenhuma prática radical ou rechaçaram intentos de entender a solidariedade. Sim que há algo de valor em cada distúrbio, e em certa maneira até os torcedores de futebol que viram carros estão questionando a autoridade, mas é um erro fatal subestimar as conexões pessoais e as redes que se constroem através delas, através de “ter nos vistos as caras”, coisa que segundo o autor da introdução não é necessária.

E se nosso discurso realmente está em qualquer lugar onde se questione a autoridade e o privilégio, então estive na acampada do 15M desde o princípio e se poderia supor que os companheiros “sociais” foram aí para participar daquele discurso. É um feito que os “indignados” estavam questionando a autoridade, ainda que em geral de uma maneira que nos poderia parecer incoerente, inocente ou até ridícula. Mas é mais fácil ignorar essa contradição e menosprezar o fenômeno.

Demasiadas vezes se rechaçaram por completo as rebeliões imperfeitas que ocorrem aqui, e se tem visto um brote de anarquia nas rebeliões romantizadas que surgem em outros lugares e que seguramente incorporam imperfeições parecidas. Isso não é nada mais que um derrotismo disfarçado.

O artigo “Não dar o braço a torcer” que aparece em *Terra Cremada* no. 2 é uma tentativa de criticar o pacifismo e também a *feitichização* da violência. O artigo é interessante, mas frequentemente trata de dissipar a posição contrária com a tautologia, o julgar com as definições, em vez de criticar diretamente. Fica claro que a seção do artigo sobra a “mitificação

da violência” está dirigido aos companheiros insurrecionalistas e antissociais, por dizer-lo de alguma maneira.

Vejamos: “Amb aquesta confusió fonamental, ens trobem també aquélla que planteja que com més destructiva sigui una acció, en termes materials, més radical serà. Però tornem a equivocar-nos si pensem que per voler destruir aquesta societat hi ha prou amb destruir la seva part física.” Aqui os autores se contradizem a si mesmos. Justo na página anterior, escrevem que a violência em si “demonstra que a suposta paz não existe,” um argumento que reconhece que os ataques violentos também têm seu aspecto simbólico e também incidem a nível das relações sociais. Então, por quê afirmar que um ataque só afeta ao Estado a nível físico?

Também na página 42, fazem uma crítica a “profissionalização do uso da violência” mas isso tampouco é justo no contexto escolhido, ainda que é uma crítica muito importante. Profissionais da violência como os militantes do Hamas, ETA, IRA ou MAPU-Lautaro também tem tido seus programas sociais. É dizer, não só pretendiam destruir a parte física do sistema. Entretanto, muitos mistificadores da violência, entre eles uma grande parte dos anarquistas gregos, tem se ocupado precisamente de estender a violência e com bastante êxito, portanto não seria justo lhes criticar por profissionalizar a violência quando tem conseguidos grande passos pra frente em conseguir o contrário⁴. Dissimulando esses nuances, os autores de “Não dar o braço a torcer” não estão levando uma conversação que poderia chegar a melhorar nossas estratégias.

Fazem uma boa crítica as “cronologias de ações[...] que geravam uma falsa ideia de força” e o sinalam como um pensamento quantitativo mas logo também caem em um pensamento quantitativo quando dizem, na seguinte página, que “os mesmos danos que podem produzir os artefatos explosivos se podem provocar a golpes de martelo”. O objetivo de tais ataques não é a pretensão pouco realista de acabar com o capitalismo pela quantidade de danos que se causam, senão gerar símbolos de ofensiva cada vez mais fortes e difundir o uso de outros tipos de combate e sabotagem adequados para prosseguir em uma guerra social mais contundente.

Esse artigo, que representa fielmente a perspectiva social, não analisa as ideias de “sinais de desordem” ou da extensão espontânea dos ataques. De fato, não trata em absoluto da teoria do ataque, senão que leva a crítica ao terreno alheio da “ação direta”. Mas os companheiros libertários aos que se poderia acusar de mistificar a violência hoje em dia quase nunca utilizam o conceito de “ação direta”. Esse termo é próprio dos libertários sociais que tratam de convencer a seus contemporâneos nos movimentos sociais a sair-

se das práticas cívicas e indiretas. Ao contrário, os antissociais falam, em geral, do ataque e da guerra. Portanto não é honesto criticar suas ações por não cumprir a definição de uma ação direta, dado que frequentemente não pretendem conseguir uma mudança concreta no momento de sua ação senão aumentar sua própria força e difundir um sinal claro de guerra.

Apesar de que ambas publicações, *¡Enrabiaos!* e *Terra Cremada*,, demonstram um alto nível de pensamento crítico, no momento de se criticar uma postura ou a outra, se vê que não são capazes de responder a prática realmente representada pelo seu adversário. Só podem fazer justiça com moínhos e prosseguir uma batalha ideológica. A verdade é que as duas posturas não podem se ver uma a outra porque não são posições opostas senão que sentidos contrários do mesmo círculo.

Na guerra social, o social e o antissocial são duas atitudes não só necessárias senão inevitáveis.

1 Um movimento de ocupações das praças centrais que surgiu em quase todas as cidades do Estado Espanhol e também em alguns outros países a partir de uma convocatória para o dia 15 de Maio, que se modelou em alguns aspectos da Revolta Árabe mas controlado com uma dose forte de ideologia cidadanista.

2 Se falo de anarquistas é porque na atualidade em que escrevo, o anarquismo serve como pólo e referência para os rebeldes sinceros e irreduzíveis. Mas nossa história de luta vai muito mais além da história do anarquismo. O que nos interessa aqui é a rebeldia, a revolta, que tem muitos caminhos e alguns não tem nome enquanto outros não se chamam “anarquismo”. Mas sim é necessário reivindicar a anarquia, chamada assim ou com outro nome, para assinalar o desejo de liberdade total, a sociedade ou a comuna sem dominação.

3 E se falo em masculino, é porque as alternativas propostas (por exemplo xs ou @s anarquistas) são impossíveis de pronunciar e assim não são uma verdadeira alternativa exceto para as pessoas que só leem e nunca falam (ou seja, universitárixs); porque as lutas contra os sistemas opressivos e discriminatórios já demonstraram que quando se negam os símbolos e os sinais mais explícitos de uma lógica opressiva (por exemplo evitando as etiquetas racistas ou depois das lutas feministas o mundo de fala inglesa mudando os nomes de ofício em masculino para nomes neutros) a lógica não muda senão que aprende a se expressar de maneira mais sutil; e porque algumas correntes do feminismo valoram a possibilidade de falar o especificamente feminino ao enves de converter tudo em um neutro igualitário. Se se muda a estrutura e as relações na própria sociedade, as palavras não poderão ter o mesmo sentido ainda que as escreva igual.

4 Aqui obviamente não se pode falar de todos os anarquistas gregos, como se fossem homogêneos, mas em geral na Grécia se tem visto uma prática baseada em grande parte nos ataques contundentes contra o Estado e o Capital, feitos com o propósito de virarem tais ataques algo cotidiano e algo reproduzível para qualquer um, coisa que se passou em dezembro de 2008.

2. Por que não falamos da guerra de classes?

Falamos da guerra social e não da mais tradicional guerra de classes porque as classes não existem. Respeitamos aos companheiros que todavia

se sentem parte da classe proletária, se realmente é porque vivem em um dos rincões onde o desaparecimento das classes tem tardado mais e não por um esforço identitário para cumprir com os ditados de ideologias de outros tempos.

A definição burguesa das classes, marcadas por diferenças essenciais ou culturais, está caducada já faz tempo com a universalização da cultura do consumidor, que une elementos burgueses com elementos proletariados e elementos novos. Se no passado os companheiros anarquistas podiam atirar umas bombas orsini no Teatro Liceo é porque aquela época só encontravam burgueses aí. Atualmente sim que a média de clientes de um cinema em NOU BARRIS será mais pobre que a média de um em SARRIÀ¹, porém não existe uma linha definida entre os dois grupos: nenhum terá exclusivamente proprietários, políticos e suas esposas e os dois grupos provavelmente estarão assistindo ao mesmo filme, uma diferença com a época anterior radicalmente significativa.

Fica ainda mais claro que a definição marxista das classes não segue vigente. Se entendemos as classes como uma diferença em relação aos meios de produção, então atualmente poucas pessoas são donas de nada. Quase todos os meios de produção estão nas mãos de bancos e Sociedades Anônimas cujos dirigentes, é dizer, os ricos, ganham um soldo. Um soldo altíssimo, mas todavia um soldo ao fim e ao cabo, e se não fazem bem seu trabalho, se lhes pode despedir de seu posto (inclusive democraticamente pelos acionistas) e de vez em quando inclusive se lhes manda ao cárcere. Entretanto, cada vez mais aos pobres lhes pagam também com ações em sua própria empresa: cada vez mais dispõe de capital, ainda que seja em quantidades miseráveis. Ricos e pobres sim que há, sem dúvida, mas travados ao sistema com mecanismos cada vez mais iguais. É precisamente a unificação de sua relação com respeito aos meios de produção o que há dissipado a diferença entre eles.

E se o sistema já não necessita classes para se reproduzir e se não houve nenhuma ruptura nem revolução para destronar a burguesia (pondo em evidência o erro da tese marxista, que confundia a relação entre o poder econômico e poder político), através de quê força governa? Dito de outra maneira, como definir ao inimigo?

¹ Respectivamente, uma zona humilde e uma zona rica de Barcelona.

3. *O Modelo Matrix*

Depois de ver o filme *The Matrix*, houve uns quantos gringos loucos que, nos anos seguintes, tomaram fuzis e meteram bala em tudo mundo, fosse em seu lugar de trabalho ou em um centro comercial, crendo que esta seria uma maneira de sair da Matrix. Parece que coisas semelhantes começaram a passar na Alemanha e outros países. Certamente não estavam pirando tanto. Metaforicamente, vivemos em um sistema muito parecido a Matrix. Todas e todos estamos plugados a uma maquinaria da qual somos dependentes, sem nos dar conta da artificialidade desta situação, sem saber que nossa condição atual provém de haver perdido uma guerra que temos esquecido. O inimigo é a lógica de controle em si mesmo. É um código capaz de se mudar a si mesmo para recuperar a rebelião e assegurar a marcha contínua das máquinas. É a genialidade de um sistema que sempre oferece oportunidades para mudar elementos soltos e nunca deixa se ver em sua totalidade. É a astúcia de treinar as pessoas para recuperar* sua própria raiva e dirigi-la para a reforma do mesmo sistema, alimentando-o, quando sua intenção é desmantela-lo.

Nesse terreno artificial e controlado que se chama “sociedade,” cada um poderia ser um inimigo ou um aliado. De momento, a grande maioria está em nosso contra ou não são capazes de nos entender. Se lhes falássemos de Matrix ou da guerra social, pensariam que estamos loucos. Não obstante, a maior possibilidade é que eles se levantem também, mas se não é assim, em todo caso temos que seguir lutando.

É essa esquizofrenia que provoca a tensão antissocial.

4. *Se não odeias, é que não estás vivo*

Se fazendo de salame, alguns anarquistas sociais ridicularizam o desprezo que os antissociais demonstram para com a sociedade, como se estivessem auto-isolados. Na verdade os anarquistas sociais não tem relações realmente profundas com outros setores da sociedade, senão que se cocontentam com menos. O ódio antissocial sempre se caracteriza como uma atitude de soberba, de impaciência, de elitismo, de falta de sensibilidade. A verdade é que as pessoas que sentem o mundo sempre terão uma tendência a odiar a sociedade, aos outros seres humanos.

Só por um populismo extremo pode alguém perdoar a apatia generalizada, a submissão e a estupidez sem as quais o sistema de

dominação nunca poderia funcionar. O verdadeiro elitismo é perdoar as massas pelos seus comportamentos depreciáveis, que nunca poderíamos desculpar se os autores fossemos nós ou nossos companheiros. Da mesma maneira, os demais (as pessoas que não identificamos como rebeldes) também levam a cabo muita resistência que frequentemente desconhecemos. Seria um erro muito grave supor que as únicas lutas que existem são as que reconhecemos como tais: não obstante, desconhecemos essas lutas graças a paz social que também nos faz invisíveis. Os que estamos lutando já, conhecidos ou desconhecidos, somos os mais sensíveis e os mais atrevidos, a primeiras ervas daninhas que não podemos aguentar a hipocrisia nem a miséria da normalidade.

As ervas daninhas tem que odiar concreto para poder rompê-lo, e é normal que confundam o concreto com a sociedade porque, nesse momento o concreto é o único que é visível; a sociedade está abaixo, servindo-lhe de base, mas também contendo novas formas que estão esperando um pouco de luz para brotar.

As massas da sociedade do Espetáculo são concreto: inerte, imóvel, sem pensamento próprio. Nunca saem da forma que escolheu seu arquiteto. O rebelde antissocial realiza um papel imprescindível quando ataca as massas, porque só rompendo as massas se pode despertar a comuna, a coletividade. Os que temem a opinião popular nunca desenvolvem táticas mais fortes, mais atrevidas, mais destrutivas; táticas que em princípio são muito depreciadas (e chamadas pelos populistas “vanguardistas”, ainda que a uma verdadeira vanguarda lhe interesse preservar a massa e não erosioná-la) mas logo, nos momentos de ruptura, de repente se estendem e são coletivizadas, utilizadas por todo mundo.

A tensão antissocial é esta: um balanço entre querer as pessoas pelo que poderiam ser e as vezes são; e odiá-las pela indignidade que engolem, pelas capacidades pessoais que se negam a desenvolver.

5. *Dissidentes da Utopia*

Porém a tensão antissocial não é uma mera linha dupla que tem sua função estratégica na situação atual. É uma contradição que se vive nas entranhas. É a maldição da solidão e o rechaço a qualquer limite. O conceito antissocial ou individualista da liberdade é tão extremo que não pode ser programático: não é prático Mas é justo uma contradição tão *imprática* a que necessitamos para evitar as monstruosidades do

racionalismo! O revolucionário racionalista é o horror mais espantoso que se viu na história: tendo derrubado o mundo inteiro, terá a possibilidade de ordenar todas as contradições da natureza e pôr em prática a ditadura das abstrações.

Lendo a Renzo Novatore, fica claro que as inquietudes antissociais não são um programa para a utopia individualista. Tal coisa não existe. Esse nihilismo poético é uma rebelião sem fim que na utopia da comuna tampouco se sentiria à vontade porque sempre se exigiria a si mesmo explorar os extremos da existência, viver as alturas e as profundidades, “ser grande como nosso crime”, não aceitar nenhuma limitação nem censura, e portanto sempre ter que ficar nas margens da sociedade.

Uma tensão antissocial existirá em qualquer futuro. Muitos anarquistas lutamos porque somos muito sensíveis à imposição das normas. Nascidos em uma utopia antiautoritária, todavia veríamos muita hipocrisia e imposição. Sobretudo rechaçamos a ideia de uma utopia na qual está caducada e inecessária a rebelião. Não acreditamos em uma revolução que abolirá a necessidade de se rebelar, de transgredir. Sabendo que a única perfeição é o caos, não poderemos criar uma nova autoridade.

Uma vez que tenhamos destruído o Estado e todo seu aparato de repressão e coação, as lutas serão totalmente distintas; para começar ninguém nos meterá no cárcere por nos rebelar, senão que seguiriam nos mirando mal e talvez algo a mais. Portanto é possível falar da utopia, da revolução, de uma ruptura definitiva, de um “depois.” Mas imaginamos uma utopia complexa e imperfeita, que vai mudando com as lutas, contra suas normas, sua complacência e as imposições inevitáveis da coletividade ao indivíduo.

6. Enamorados do Mundo

Na ocupação do 15M, participaram anarquistas sociais e antissociais, segundo seu modo. Também houve uma postura que rechaçou a participação. Dada a escassez de ações exteriores à Praça durante aqueles meses, não se pôde considerar esta postura como uma estratégia senão como uma falta da mesma, uma falta de paciência, uma falta de projetualidade, uma incapacidade de se enfrentar com as realidades complicadas do mundo. Nisso encontramos o menos interessante do anarquismo, porque se nega a aprender da pluralidade e se perde a oportunidade de fortalecer sua afinidade levando-a a situações mais

complexas. Se realmente existia uma postura anarquista que não participou no brote social do 15M, por que pararam as ações exteriores durante o mês da ocupação? Haveria sido genial que seguissem os ataques, sabotagens, conversas, propagandas, o que fosse durante aquele mês mas a verdade é que fora da praça só encontramos a continuação de alguns projetos anarquistas válidos mas com pouca incidência. O demais são palavras vazias. Do que vimos, a postura de não participação é puramente hipotética. Se em algum momento os partidários desta desenvolvessem uma verdadeira prática a partir da não participação nos movimentos sociais, talvez poderiam aportar novas ideias e táticas muito interessantes, mas de momento não vimos prática alguma em seu rechaço, e as palavras sozinhas nunca nos interessaram.

É Igual de entediante, até patética, a postura dos rebeldes populistas, supostos companheiros que participam em qualquer movimento social sem expressar suas próprias ideias, que se satisfazem com proporcionar ferramentas e utilizá-las nos movimentos (sejam suas habilidades para facilitar grandes assembléias ou seus conhecimentos para ocupar edifícios ou construir casas nas árvores) enquanto deixam de lado os debates estratégicos, deixam de criticar a seus novos aliados. Parece que têm corações de ovelhas ou de políticos. Temem espantar aos demais com suas ideias estranhas ou radicais. Alguns se sentem tão alienados na sociedade (uma sociedade de alienação) que querem influir nas massas sem revelar quem são e o que querem realmente; esses acabam reproduzindo a linguagem da democracia e dos direitos para ganhar mais popularidade. Frequentemente defendem suas posturas com dicotomias falsas, como se as únicas opções fossem o uso de conceitos que traem nossos sonhos ou cair na comunicação panfletária anarquista, um estilo estéril e abstrato que é pouco compreensível para as pessoas que não leram os mesmos livros que nós. Seu erro é não reconhecer que para os rebeldes, o conflito é bom e o caminho fácil está destinado ao fracasso.

Os anarquistas da guerra social estamos completamente enamorados do mundo em toda sua complexidade, e talvez por isso odiamos a sociedade por ser falsa e venenosa e por se alimentar no mercado das relações comercializadas em vez de se alimentar no mundo das relações livres ou talvez por isso queremos a sociedade, por toda a potencialidade que tem e por manter algumas raízes no mundo e ir criando comunas na terra queimada, apesar de todo o sofrido.

7.O inimigo é uma maneira de ver o mundo

Se as classe não existem, se o filho do imigrante pode chegar a ser presidente da França ou dos Estados Unidos, se há pobres que passam a vida imitando aos ricos e o sistema pode se desfazer de cada um de seus dirigentes, incluso mandando-lhes ao cárcere para reforçar a ilusão de justiça, como reconhecemos ao inimigo?

As pautas da guerra de classes, nos tempos que parecíamos pertencer a uma classe ou a outra, obviaram uma verdade importante até o momento histórico em que os bons proprietários começaram a se converter em burocratas revolucionários. A verdade revelada é que o inimigo não é uma classe senão um ponto de vista, uma subjetividade, e todas aquelas que vêm suas vidas desde cima, desde um banqueiro até uma mãe imigrante em greve, apostam pela dominação.

Os *comiciocrátas* do 15M que temiam a espontaneidade e necessitavam centralizar a informação e todos os espaços decisórios; os empregados que negociam diminuir seus salários para salvar a empresa; os cidadãos que se identificam com os políticos; os sindicalistas que assumem a problemática de como aumentar a produtividade e os progressistas que assumem a problemática da segurança, do crime e do terrorismo; os anarquistas de '36 que se complicaram *na a oportunidade* de entrar no governo para pôr em marcha suas teorias econômicas e supostamente libertárias; os científicos que reduzem o câmbio climático e a extinção massiva a quantidades de carbono e graus de temperatura.

O inimigo é uma subjetividade, é cair na armadilha de pôr as necessidades da ordem atual por cima de nossos próprios desejos. O ato mais profundamente rebelde é se entender como um ser que vive apoiado por toda uma rede de seres vivos ou, por dizer de outra maneira, um ser do mundo. Uma vez que tivermos substituído no nosso imaginário a comuna de cidadãos ou a comuna de produtores, é dizer, a de escravos e de máquinas; uma vez que soubermos na nossa pele que somos herdeiros de uma tradição de rebelião contra um processo de colonização começado em um primeiro momento por nós mesmos através de patriarcados autóctonos e logo levado a cabo pelo novo Estado e pelo capitalismo nascente; então não há outra saída mais que lutar com todas nossas forças e ao largo de todas nossas vidas, lutar com muito mais força do que a que se pode somar nos poucos anos que nos toca viver porque na nossa luta concentramos uma continuidade de rebelião que tem durado séculos e durará mais séculos todavia.

Uma vez que apaguemos a colonização do nosso ser e entendamos como algo alheio e imposto todo pensamento ligado com o Estado, até o mais democrático, o mais cívico, o mais progressista, nossas utopias não nos trairão como tantas vezes no passado. Uma vez que entendamos não só as hierarquias senão também a ordem, a democracia, a produção, a igualdade e a unidade como uma imposição violenta, todos os recuperadores do nosso entorno voltarão a nos parecer invasores marcianos e será mais difícil nos enganar. Portanto, a comunicação e a difusão de outros imaginários e de uma história própria é imprescindível.

A guerra social é isso: uma luta contra as estruturas do poder que nos colonizam e nos treinam para ver o mundo desde a perspectiva das necessidades do próprio poder, desde a metafísica da dominação, na qual o universo tem um centro e segue algumas leis e se pode quantificar e dar um valor. O prêmio para ganhar a guerra social não é físico (a toma das fábricas e da terra) senão metafísico (a reparação do mundo).

8. A guerra social no princípio

Chegado a esse ponto podemos assumir que, ao começar, estamos bastante sozinhos em nossa guerra social. Os poucos lugares onde há um apoio geral para a luta contra o progresso e a ordem frequentemente são territórios indígenas onde todavia se lembram de sua colonização, nunca se renderam a ela e colaboram muito menos que nas terras plenamente conquistadas. No Ocidente, as poucas lutas generalizadas também tem que ver com lutas anticoloniais, como em Euskal Herria, Irlanda, ou entre os descendentes de escravos na América do Norte, mas dado que desde já faz tempo entenderam sua luta anticolonial como um mero plano nacional, engoliram a metafísica e as relações sociais de seus colonizadores e, portanto, estão lutando para reproduzir outro modelo de civilização dominante, com uma bandeira e alguns dias festivos distintos.¹

Lutar contra uma colonização da qual quase não sobra nenhuma memória popular é, em princípio, uma coisa de loucos. Em uma sociedade esquizofrênica, as pessoas mais coerentes não tem que ter vergonha. Só a pessoa mais atrevida pode ser a primeira a romper com uma norma quando vê que a norma é opressiva. Nas épocas em que pouquíssimas pessoas se entendem a si mesmas como combatentes em uma guerra social, estarão bastante isoladas e portanto a afinidade se considerará como a característica mais importante para a luta. Simplesmente para existir e

começar a conseguir a visibilidade, os companheiros terão que desafiar a paz social, o que significa uma disposição para as atitudes antissociais.

Esses revoltosos isolados se fortalecerão criando laços com mais rebeldes que vivem em outros bairros, outros povos ou outras cidades. Assim poderão multiplicar sua força, intercambiar ideias, evitar o isolamento, se proteger da repressão, enfim: criar uma pequena tribo ou comuna nômade que se mova por um terreno social mudo e estéril. Mas tomando a estratégia necessária para a sobrevivência, colocarão um obstáculo no caminho, o qual múltiplas lutas nunca lograram superar. Conhecendo só as relações de afinidade, se verão incapazes de romper com o isolamento criado pelo Estado midiático e pelos costumes conservadores da própria sociedade.

Em uma cidade com muitos companheiros se cria, entre outras, a tendência de substituir as redes intra-bairro pelas redes extra-bairro e só entre gente *do rolê*.

Para criar relações no bairro, ou seja, relações naturais em vez de arbitrárias², faz falta se comportar de uma maneira surpreendentemente antiquada, falando com os vizinhos sobre a família e o tempo e assando-lhes pastéis, convidando-os a comer, cuidando de suas crianças e pedindo ajuda arrumar alguma coisa ou para mover um colchão. E sobretudo essa atitude não pode vir de um cálculo pragmático de como criar uma rede anarquista com os normais, de “fazer bairro”, senão é porque sinceramente se sente falta das comunas perdidas. Isso é “aparecer na vida dos demais”.

Uma pessoa que não se anima a conhecer aos vizinhos, é dizer uma pessoa mais antissocial, não é capaz de criar redes intra-bairro. Mas se é capaz de fazer algo igual de importante: fomentar a luta e os espaços combativos e antissociais para atrair aos demais estranhos, isolados, perdedores e solitários que sempre conformam as lutas durante as épocas em que o Estado é o suficientemente forte para fingir que aqui nada acontece.

¹Também são muito interessantes os casos excepcionais. Por exemplo em Val di Susa, onde há um apoio generalizado a uma luta contra o progresso. Que elementos fazem possível sua excepcionalidade?

²Aqui utilizo as duas palavras de forma literal. As relações arbitrárias são as que são escolhidas ou seja, de afinidade. As relações naturais seriam as da família ou vizinhança ainda que a natureza é também uma construção, assim como se pode escolher como entender uma família ou onde e ao lado de quem viver.

9. *A sociedade em ruptura*

E quando os atrevidos e isolados conseguirem desterrar a paz social – ou se isso se consegue por meios espontâneos – e os demais começam a sair à rua e a questionar a ordem dominante, é dizer, quando há uma ruptura social ou ao menos uma ruptura afetiva com a normalidade, quê fazem os que já levam tempo se rebelando?

Estarão muito melhor posicionados se já haviam se dedicado na direção de resolver a tensão entre suas atitudes social e antissocial, se já haviam começado a aparecer na vida dos demais e a aprender a atuar em espaços heterogêneos; mas também se já tem uma forte prática de ataque para proporcionar à nova luta armas adequadas para sabotar a ordem.

É normal que na época da ruptura mais rebeldes se aproximam a posturas sociais, buscando cumplicidades fora das afinidades tradicionais. Assim podem jogar o papel importante de fazer confluir os conflitos, erosionando o monotematismo com o qual a democracia midiática disciplina aos movimentos legais. E dentro da nova conflitividade nascida da coletivização de todas as reivindicações que antes monopolizaram os progressistas, dentro dessa nova totalidade de antagonismos, os companheiros dispostos a se pôr ao lado dos demais poderão levar a cabo uma participação crítica e difundir táticas e visões anarquistas. Mas se se enganam a si mesmos e caem no populismo – é dizer, esquecer quem são, esquecer sua herança de milhares de anos de luta, para aceitar os preconceitos democráticos que lhes facilitarão comunicar com as pessoas todavia imersas na normalidade – trairão a luta e se trairão a si mesmos.

No momento do populismo e do possibilismo, os antissociais tem o papel importante de manter vivo o idealismo para os companheiros que estão esquecendo o objetivo da luta; de provocar; de impossibilitar qualquer pacto com a normalidade; de seguir atacando e destruindo; de ir mais além e se burlar de todo pragmatismo interessado.

Frequentemente as rupturas duram pouco e não se estendem. As intervenções anarquistas podem sabotar aos recuperadores que tentam neutralizar-lhas; podem contribuir com mais lenha transmitindo experiências de auto-organização e ataque. No momento da ruptura, os que ficam em sua postura antissocial não podem responder com agilidade, os que rechaçam sua anterior postura antissocial se decepcionarão quando a situação volte a se tranquilizar, se não a traem antes. As duas atitudes são necessárias para se enfrentar com a verdadeira questão.

10. Quem somos?

Todos os termos que nos deram para responder a essa pergunta são inadequados. Precisamos reconstruir a rede de significantes em si, a gramática que opera invisivelmente entre os elementos dados. Como disse Foucault em *Les Mots et les Choses*, na época clássica (o século XVII), o símbolo deixa de ser uma forma do mundo e perde sua afinidade e relação orgânica com o significado. Anteriormente, existia uma gramática fundamental que apoiou uma visão mágica do mundo baseada em similitudes e simetrias que serviam para justificar a ordem estabelecida. Podemos imaginar – e existem traços arqueológicos – uma gramática fundamental ainda mais antiga que apoiou uma ordem mágica na qual o poder da transformação existia ao alcance de todo mundo, em contraste com o Renascimento, quando o mundo, ainda que mágico, era um texto já escrito e a única magia consistia em descobri-lo.

Através do novo racionalismo, se facilitou um câmbio agressivo à ordem estabelecida, outro passo fora do mundo e para a alienação. A linguagem se tornou uma espécie arbitrária, algo para analisar foda do seu contexto terrestre. Os conhecimentos da nova ciência conseguiram sua forma ideal no papel, na enciclopédia, no zoológico: um espaço neutro, objetivo e até invisível que esconde a violência que lhes arrancou de sua relação orgânica com o mundo. E se na última época as ciências começaram a mostrar um interesse nas ordens espontâneas, na rede de relações e interações entre as coisas, não é porque começaram a ver o mundo, senão que já desmontaram a máquina, tem verificado seus elementos até o enésimo grau e agora estão voltando a montar para colocá-la em marcha e para que tudo funcione segundo seu mando. Já não é uma questão de captar uns elementos ou muitos elementos do mundo e utilizá-los como ferramentas para o bem da economia senão reconstruir o mundo como uma grande máquina.

Junto com essa mudança, os seres humanos deixaram de ser um reflexo perfeito da ordem divina do mundo e se converteram, por um lado, em seres que não tinham nada que ver com o mundo porque o haviam superado¹, e por outro lado, em máquinas biológicas feitas da mesma matéria prima de todo um universo mudo e morto.

A antiga ordem cristã se baseou em categorias identitárias que eram transparentes e sensíveis, tão úteis para os rebeldes como para as autoridades. Todos se basearam na dicotomia bom/mau (crentes e infiéis) ou na própria posição nas hierarquias sociais. A primeira classe da categoria foi muito fácil de dar a volta. Nas rebeliões contra a ordem feudal e o

capitalismo incipiente, os rebeldes pegaram a tocha dos crentes, as autoridades foram apontadas como os malévolos e foi em nome de Deus que queimaram a padres, destriparam a condes e proclamaram a comuna livre, “o mundo ao contrário”. Em quanto a segunda classe, as hierarquias então também delimitaram as linhas de guerra; não seria possível formar parte da aristocracia ou da igreja – que implicaria ser dono das terras de outros e se ocupar de administrar sua opressão – e também se rebelar contra aquele sistema. De fato, foram os novos burgueses – que não tinham nenhum lugar definido nas velhas classificações mas só podiam ser entendidos como parte das filas dos oprimidos pela sua falta de sangue nobre ou aderência a Igreja - que desviaram as lutas que quase destruíram a Autoridade e as dirigiram ao sistema atual.

Ao contrário, todas as categorias dentro das quais nos entendemos hoje em dia servem para esconder as fraturas do conflito social. Não há nenhuma que abarque tudo o que temos que lutar por um lado, e tudo que temos que destruir por outro. Cidadão/estrangeiro; obvio que não. Homem/mulher; tampouco, a menos que as SCUM tenham razão, coisa que eu não seria biologicamente capaz de averiguar nem argumentar. Ser humano/animal; nos dias mais funestos parece que sim, mas quem vai administrar esse genocídio revolucionário senão nós mesmos? Pergunta que revela a incapacidade dessa categoria para iluminar um critério de liberação. Povo/governo; primeiro a democracia e logo os fascismos escureceram essa distinção até converte-la em um mero truque demagógico. Obreiro/dono; exclui os invisíveis que todavia resistem a lógica de produção e obvia o feito que a obra que anima aos obreiros sempre os dominará, por mais autogestionada que seja. Ademais de que muitos donos trabalham e muitos obreiros recebem tanto privilégios que se comportam mais como donos. Pobre/rico; mas até faz pouco, as massas europeias se achavam ricas.

Atualmente, não existem categorias que nos ajudem entender nossa história, nossa relação com o sistema ou nosso desejo de liberação. A mais próxima desse último critério seria uma categoria ideológica, um “ismo”. Mas não é nossa aderência a uma doutrina a que define nossa relação com o sistema, nossa história comum, nossos desejos rebeldes que expressamos a maior ou menor grau! A categoria de “anarquista”, talvez a mais pura, não nos aproxima ao “bom” de antigamente porque atar o valor moral a ideologia cria um moralismo e a possibilidade de vanguardismo é incompatível com a anarquia; ademais, a maioria das pessoas que criam e criarão a anarquia não são anarquistas.

Muito mais além das categorias dadas, se vê todo um processo de desenraizamento que invade a todas as esferas da existência. Fizeram tanto

para nos fazer esquecer quem somos, para que não fique palavra nem memória que pudesse iluminar um ser puro que existiu antes de todos seus processos de colonização e que todavia pode se comunicar conosco através da escuridão da história! Só podemos imaginar quando começou o erro.

Como já notamos, no continente de seu nascimento, o capitalismo não substituiu a uma utopia libertária, senão a outra rede de hierarquias com menos possibilidades de controle. Existem muitas pessoas em outros continentes que podem reivindicar uma comuna livre que foi aplastada pelo capitalismo – um *antes* ao qual voltar – mas os de estirpe europeia (ou asiática na grande maioria dos casos) não podemos. No caso europeu, o capitalismo surgiu de uma civilização dividida por uma série de territórios feudais e cidades com distintos equilíbrios de poder entre as autoridades e as pessoas, todos unidos ligeiramente pela hierarquia católica. Esse foi um intento coletivo de uma rede descentralizada de elites para salvaguardar os fragmentos do sonho de dominação do caído Império Romano, o qual era uma evolução lógica da democrática República Romana, a qual foi um projeto atrevido de irmandades bélicas de tribos itálicas, uma sociedade com pouquíssima hierarquia familiar (talvez menos que qualquer outra sociedade do mundo que acabou montando um Estado), uma sociedade muito livre segundo o conceito patriarcal-ocidental da liberdade. Por quê favoreceram a guerra e minimizaram os âmbitos femininos dentro da *civitas*? Por quê se liberaram de amplas e definidas relações familiares (o clã, a linhagem segmentária) mas sem criar outro conceito do coletivo, movendo-se para uma atomização e privatização da terra e tolerando uma aristocracia débil que evolucionava simultaneamente com as irmandades? Se podem fazer perguntas parecidas às tribos germânicas que conquistaram Roma mas em seguida assumiram seu sonho, tendo já muito em comum. Mas em nenhum caso haverá resposta definitiva.

Tampouco podemos dar uma resposta fácil de que “somos seres humanos e os seres humanos somos assim” porque na mesma história têm um papel silenciado as tribos eslavas ou célticas que em grande parte não pretenderam montar um Estado segundo o estilo romano – como fizeram as tribos alemãs – senão que resistiram aos impérios de então e também resistiram a Igreja. Em 983, quando os habitantes eslavos do lugar onde atualmente se encontra Berlin se rebelaram contra os nobres alemães que haviam se instalada em cima, como parasitas², mataram ou mandaram embora aos padres e aos nobres e depois viveram em paz: horizontais, pagãos, livre. Dois séculos depois, no ano 1147, a Igreja teve que declarar uma Cruzada contra eles para voltar a lhes conquistar e submeter à ordem.

Ainda que não haja uma resposta última para a pergunta “quem somos?” podemos nos aproximar da verdade entendendo melhor o que nos roubaram para nos converter nos seres perdidos que atualmente somos. Portanto, deveríamos chegar a um melhor entendimento do capitalismo. Ao contrário da história oficial, na qual creem muitos anticapitalistas, o capitalismo não surgiu nos séculos XVIII-XIX a partir do “mercantilismo.” Não ganhamos nada entendendo o capitalismo desta maneira, dividindo a história em fases simétricas porque sim. A nível mundial, houve uma mudança muito grande cujas características definitivas apareceram e conseguiram uma hegemonia entre os séculos XV e XVII. Foi um golpe muito duro, a invenção de um novo motor de poder que impulsaria todas as mudanças posteriores nas formas de controle social. Habitamos uma realidade totalmente distinta se entendemos ao sistema atual com algo que fluiu ou evoluiu naturalmente do anterior, e não como algo que se impulsionou violentamente e segundo certas estratégias durante uma época especialmente fria da guerra social.

Se Adam Smith identificou ao capitalismo como algo distinto do mercantilismo, é porque estava construindo a ideologia do capitalismo, que necessitava esconder suas raízes na guerra contra as comunas nas colônias e na Europa, e pintar sua criação como um contrato livre entre indivíduos isolados em um terreno mercantilizado que já existia, como se fosse algo natural.

Foi entre os séculos XV e XVII que apareceram os bancos e estenderam seu poder. Foi então que o dinheiro acabou de ser um símbolo de intercâmbio – uma ficha encarregada por um rei para autorizar e quantificar o comércio, para poder se apropriar de uma parte, como havia sido desde sua invenção com os primeiros estados – e começou a ser a forma principal de produção em si, a criação partenogênica do valor em si, dívida e especulação. Portanto foi então que se iniciou a especulação e a inflação de preços, primeiro a comida, criando um novo mecanismo de chantagem. Foi então a instituição do trabalho assalariado como entendemos atualmente, algo inseparável do roubo forçoso da autossuficiência, um processo que também começou na mesma época com a instauração das antigas leis romanas que privatizaram a terra comunal e com o princípio dos cercamentos levados a cabo para se apropriar dessa. Foi também então o princípio da criminalização da pobreza e uma intensificação sem precedentes do papel e da técnica das estruturas governantes em regular e disciplinar a vida cotidiana e a reprodução. Ao mesmo tempo, dentro do mesmo processo da formação do novo Estado, se impulsionou o colonialismo, coisa qualitativamente distinta das antigas

formas de imperialismo e dentro do qual se ligou a escravidão com o trabalho assalariado, conseguindo assim mercantilizá-la (os escravos produziram sobretudo bens para o consumo dos novos trabalhadores, assim subvencionavam sua mão de obra barata). Fizeram o mesmo com o novo trabalho feminino.

Ante a tudo isso, as mudanças da Revolução Industrial e o final do mercantilismo são mais uma questão de grau e novas técnicas, igual que ao neoliberalismo constitui uma mudança que surgiu das mesmas bases capitalistas.

É necessário entender que o capitalismo não surgiu como uma evolução de um anterior sistema simétrico. É necessário porque deveríamos entender o biopoder como um tipo de poder totalmente novo e inovador que proporciona capacidades ao Estado anteriormente inimagináveis; porque deveríamos conhecer o papel estratégico do Estado e o próximo que estivemos de uma vez destruí-lo; porque deveríamos entender as verdadeiras bases e princípios do capitalismo.

Já não há nada debaixo dessas bases. A realidade em si se transformou e o que se perdeu é o mundo, a interconectividade dos seres, e com ele, o conhecimento de quem somos. Poderíamos aspirar a ser os “nada criativa” de Stirner, os “seres em espécie” de Marx ou os “primitivos futuros” de Zerzan. Mas agora, estas são propostas e não realidade nem a memória de outra realidade.

O assunto de saber quem somos nos exige a criação de um novo “nós”, um “nós” que se posiciona através da negação a um eles, um inimigo. E esse inimigo é a maneira racionalista, democrática e civilizada de ver o mundo. Não podemos utilizar suas pautas éticas. Não podemos nos posicionar dentro de sua legalidade. Não somos seus cidadãos, nem somos os habitantes de um país que simplesmente foi ocupado, como se o capitalismo fosse simplesmente um mal vizinho e não a base da nossa existência. Assim que reivindicar a independência tampouco nos serve. A ideia de autodefesa acarreta a possibilidade de convivência. É melhor a certeza de que nossa existência significa sua destruição.

Somos uma bomba no seio da máquina que nos quer dominar.

¹A visão da superação humana do mundo é uma evolução lógica da visão do reflexo humano do divino, enquanto a materialização da terra e todas as coisas nela constitui uma ruptura com a visão anterior de um espírito ou alma que une e reside em tudo.

²Assim começaram muitos Estados na Europa e Ásia ao largo da história do mundo; influídos pelo exemplo de outra civilização, um grupo que atualmente entendemos com uma etnia se formou como uma

instituição religioso-bélica, conquistou uma sociedade vizinha e se instalou em cima para colonizá-la e convertê-la na base de seu novo Estado.

11. *Somos nossa perda*

É necessário considerar a cultura dominante como algo alheio, tão alheio como se fosse uma imposição de invasores de Marte. Mas não podemos cair na armadilha do purismo e nos auto-isolar como os que vão ao mato para construir a cultura libertária e se separar dos demais. Somos algo maior que nossos próprios corpos. Também somos os que ficam na cidade, na cultura dominante. Não podemos plantear uma cultura própria porque o intento nos isola dos que são o mesmo que nós, nos isola dos que ficam conectados na máquina.

É impossível recuperar uma cultura própria, mas é necessário tentá-lo para expandir nosso imaginário e lembrar-nos de que sua cultura de dominação não nos pertence. Enquanto exista o Estado, não podemos dar uma resposta positiva à pergunta, quem somos? Por enquanto, somos nossa perda, como tudo o que nos roubaram. Só isso nos pode assinalar o que poderíamos ser em um mundo livre. Só isso nos une com todos os seres dominados e colonizados pelo Capital, sem limitar aos que estão em pé de guerra por um falso populismo. Todos os que somos seres vivos – os que não somos máquinas, burocratas, policiais ou escravos voluntários – temos algo em comum: nos roubaram o mundo, a comuna, o ar limpo, o bosque, as estrelas, as festas de equinócio e solstício, o dia e a noite livres das correntes das horas e dos minutos, a liberdade de ação, a autogestão de nossos corpos, vidas e memórias. Se definimos “nós” como nossa perda, nos juntamos com os demais, com os que ainda não luta, sem deixar que dissuadam nossa ação por ser uma maioria passiva. Se nos identificamos com nossa perda, rompemos com o isolamento categórico imposto a todos os que desafiamos as raízes do sistema e assinalamos um caminho de luta fora do diálogo e até a recuperação de tudo que nos privaram.

Estabelecer uma visão positiva de quem somos, criar uma nova cultura ilusoriamente livre e independente, como tentaram fazer os hippies ou os okupas, nos divide das pessoas que seguem conectadas e assim nos parte a nós mesmos em dois. O indivíduo ocidental é imundo. Existimos a partir de nossas relações com o mundo. Os que abandonam uma parte de nós ao domínio do sistema para criar uma existência supostamente autônoma se deixam enganar pela impossibilidade da liberdade parcial. De

um sistema global não se pode escapar, nem a nível territorial nem a nível identitário.

12. Não horizontal, senão circular

Necessitamos desenvolver uma consciência de quem somos, uma identidade que constitua um movimento circular. Por cada fuga da sociedade carcerária, necessitamos realizar uma infiltração para entrarem as armas metafóricas, realizar sabotagens ideológicas e logo fugir com mais pessoas. As novas experiências de autogestão, os novos intentos de criar a comuna, voltarão ao terreno dominado para se infiltrar nos imaginários das pessoas que seguem sendo totalmente colonizadas. Cada projeto rural deve manter enlaces com a cidade. Cada idealismo anarquista deve se contaminar nas águas turvas dos movimentos sociais. Nosso futuro é tanto a contaminação como a nova terra. Só acabaremos de nascer por compello quando os monumentos do Estado e do Capital ficarem em ruínas. Por enquanto, não podemos ser mais que a negação de seu sistema, os fragmentos de uma memória suprimida, o desejo frustrado mas tenaz pela liberdade.

Mas sabendo que seu sistema nos é alheio, sabemos que não podemos lutar como bons cidadãos, senão como bárbaros, bandidos, gangues, antissistemas. Nós não temos líderes, nem autoridades, nem quadrilhas, senão companheiros que incluem árvores, amantes, crianças, amigos, vizinhos, terra, todos os seres que conformam a rede em que vivemos. Um direito não se pode comer, uma lei não te permite respirar, um chefe não mantém a casa junto contigo. São inúteis todos aqueles que garantem o modo ilusório de viver do cidadão. Somos seres vivos, assim que só nos interessa a companhia de outros seres vivos, não de máquinas e artefatos do sistema.

Nosso dever não é nada menos que voltar a criar o mundo. O mundo é a antítese da ruptura civilização/natureza. Escapar da natureza é fortalecer a civilização. Temos que destruir aos dois. Temos que destruir a civilização por sua pretensão de estar em cima da natureza e temos que destruir a natureza por sua pretensão de ser pura e estar fora de nós. O mundo é a comuna de relações entre todos os seres vivos. Tanto nas cidades como no campo, temos que voltar a criar um vínculo com a terra e proclamar as novas comunas. Mas não podemos repetir o erro de confundir uma comuna com um entorno que esconde sua carência de relações material-afetivas atrás de uma superfície de relações político-estéticas. Cada vez que criamos

uma comuna também temos que fugir dela, para levá-la a todas as partes, para nos infiltrar na cotidianidade dos demais, para escolher a imperfeição aberta e não a perfeição fechada, para incluir aos obedientes ou temerosos na nossa subversão.

Dado que as pessoas que não lutam atualmente não vão se apaixonar por nossa comuna, esta sempre ficará pela metade, por cumprir, abandonada. Está bem. Não podemos nos deixar cercar. Portanto, não pretendemos a autossuficiência, porque é um auto engano enquanto exista o Estado. É melhor conseguir só uma autossuficiência parcial porque o importante não é nos submeter a ilusão de haveremos saído do sistema, senão recuperar os conhecimentos e habilidades que o tardio capitalismo nos roubou. Hoje em dia, manejar um aparato tão complicado como um trem de metrô é tão fácil como manejar um elevador. Através da industrialização e logo a automatização, o capitalismo nos roubou os conhecimentos que antes tínhamos para nos alimentar, nos formar, nos curar, fazer casa e roupa, nos cuidar, nos transportar. Aqueles conhecimentos eram nossas conexões com o mundo, quando esse todavia existia.

Necessitamos recuperá-los para recuperar o mundo. Não como os okupas com seu *faça-você-mesmo*, que frequentemente não chegou a ser mais que um consumo alternativo; nem como os sindicalistas, que aprenderam a autogestionar os ofícios de sua atualidade sem questionar a lógica produtiva que há atrás deles.

O que queremos é recuperar nossas vidas em uma luta que rompa com sua civilização. Nas cidades ocupamos terrenos para criar hortas e no campo começamos hortas ecológicas, não para auto alimentarmo-nos já, senão para recuperar a habilidade de nos alimentar, quando realmente seja factível, e sobretudo para influir na realidade dos demais. Aprendemos a medicina autogestionada ou a bricolagem para nos facilitar a vida em luta e também para servir como convite aberto a todos os demais: *deserta já da vida do mercado, que na comuna nos cuidamos bem entre nós!* Mas esses projetos de autogestão não podem servir como o primeiro passo em um processo que substituirá ao capitalismo, como creem os partidários do decrescimento. O capitalismo nunca permitirá ser substituído porque não é uma estrutura cega e inconsciente. Já devorou sociedades inteiras que ofereceram exemplos idílicos de como viver de maneira cooperativa. Há que destruí-lo.

A verdade é que, se quiséramos, poderíamos sair da cidade e construir a anarquia já. É simples. Milhares de sociedades já o fizeram.

Mas as pessoas não seguem em sua obediência por falta de exemplos de liberdade, porque acreditam logicamente que não há outra vida possível. Acreditam porque temem desafiar o sistema que os domina mas que também os mantém vivos. A lógica, as razões, são só justificativas.

O Estado é uma adição e uma aposta cautelosa. A diferença entre um exemplo e o imaginário é que um exemplo de anarquia tenta convencer, baseando-se no suposto de que as pessoas vivem segundo seus ideais e suas próprias escolhas, o que não é certo. O imaginário é uma ferramenta. As pessoas se rendem porque são dependentes do sistema. Animar um imaginário anarquista devolve às pessoas uma ferramenta imprescindível para a auto-organização da vida.

Mas o imaginário não se nutre de exemplos perfeitos de utopia que comprovam a possibilidade de outra vida. O imaginário se nutre de perguntas e contradições, não de respostas completas.

Faz um tempo, a anarquia florescia em todas as partes. Mas com o discurso do progresso e da identidade do “civilizado”, se afastou de “nós” e a liquidou pela força. Não fazem falta mais exemplos perfeitos da anarquia. Fazem falta exemplos imperfeitos que interrompam a paz social, visibilizem conflitos e despertem o imaginário das pessoas. Servirão mais às pessoas se são imperfeitos e a seu alcance, que perfeitos e distantes, já separados por um cerco ideológico que os assinala como algo alheio e de outra realidade.

Nos identificando com nossa perda, sempre nos movemos longe da normalidade capitalista e até a utopia, mas também voltamos aos que seguem dentro da normalidade, porque eles também fazem parte do perdido.

13. Militantes ou guerreiros?

Não obstante, não lutamos para facilitar a luta para ninguém, senão lutamos por nossa própria liberdade e para vingar nossos mortos. Não somos os militantes de uma organização ou um movimento que implantará a utopia. Lutamos para ajudar os demais só enquanto eles formem uma parte de nós.

Em certos aspectos, ou no caso de certos indivíduos segundo se são mais egoístas, lutamos por nossos desejos únicos, para aprender e crescer; em outros aspectos lutamos pela comunidade que nos sustenta a vida e a

alegria, a comunidade que existe como memória e como esperança, que contradiz a alienação capitalista ainda que não existe na atualidade devido a seu cotidiano aplastamento.

A pacificação conseguida pela democracia nos dirige, frequentemente a uma feitichização da violência. E ainda que o pacifismo é uma debilidade sem remédio, as atitudes agressivas podem assumir uma importância exagerada em nossos entornos.

É menos importante ser cadeeiro que saber quem somos. O movimento obreiro na França, por exemplo, é muito cadeeiro. Reivindicam a sabotagem e sequestram a seus chefes. Mas lutam para defender ou conseguir a dignidade de serem franceses. Em geral aceitaram a ideia nacional, seu particular contrato social, e aí o Estado é mais forte que nos outros países europeus, exceto aqueles onde as pessoas aceitam a ideia nacional e também é conciliadora em vez de cadeeira (ex. Holanda ou Alemanha). A agressividade das lutas laborais não ameaça o poder do Estado porque ocorre dentro de um cenário que forma parte da ideia nacional.

Construindo em nós uma grande capacidade de violência, pelo menos recuperamos a possibilidade de lutar, mas excluimos as pessoas que por sua natureza não são cadeeiras. A desgraçada verdade é que muitos dos históricos debates estratégicos nos entornos libertários não tem sido mais que distintas necessidade sócio-emocionais reclamando sua priorização dentro de uma luta que nos obriga a todos a escolher um e renunciar aos outros. As pessoas a quem lhes ferve o sangue optam pelo insurrecionalismo; as pessoas pacientes que se importam muito com as opiniões dos demais elegem o sindicalismo; as pessoas impacientes e criativas encontram sua solução no individualismo; e as pessoas que querem solucionar já os problemas dos outros buscam seu caminho por um certo ativismo. Mas as estratégias não podem ser uma questão de caráter. Não deveria ser assim.

Existem críticas muito duras e sérias que se devem dirigir ao conceito de produção que tem o sindicalismo, à ideia de informalidade que tem o insurrecionalismo ibérico ou a prática anti repressiva que tem o insurrecionalismo italiano, ao esquerdismo do ativismo, etcétera. Mas cada uma dessas práticas se converteram em refúgio de um certo tipo de pessoa, em um entorno onde podem realizar a necessidade emocional que lhes há impulsionado à luta, que seja a necessidade de se encontrar com pessoas afins, de se comunicar com mais pessoas saltando as barreiras da normalidade e isolamento, de atacar o poder e destruir a paz mentirosa, de

aliviar a dor dos demais. Como cada uma dessas práticas menospreza o caráter das outras, cada uma também tem que se defender das críticas por mais ilógicas que sejam.

Toda estratégia que não abarque a heterogeneidade humana está destinada a fracassar.

Por uma lado, sendo as primeiras erva daninhas, os que lutamos agora e sempre somos distintos aos que só começam a lutar em uma ruptura. Por outro lado, não tem sentido construir nossa luta de uma maneira que exclua as pessoas que não tem coração de militante. Tanto o anarco-sindicalismo como o insurrecionalismo caíram no erro de infravalorar tudo o que não é militância, seja uma militância de uma organização revolucionária ou uma militância que sustenta a continuidade informal de atos de negação de todo o existente.

É melhor que os que não podemos viver em sua falsa paz pelas inquietudes que nos impulsionam a lutar incansavelmente, em vez de militantes, sejamos guerreiros: os guerreiros de uma comunidade que todavia não existe, mas uma comunidade que também inclui as pessoas com coração de curandeira, de mãe, de artista, de cultivador ou construtor, de contador de histórias, e inclusive as pessoas que rechaçam a comunidade em si, que a questionam e a deixam para buscar as alturas e profundidades das quais falou Novatore, que pretendem formar a união de egos de Stirner. Uma comunidade de todos os seres vivos, de todas as pessoas que se negaram ou podem chegar a se negar a ser máquinas e escravos. Todos os demais, os que preferem ser funcionários, morrerão, ou porque tentam nos prender e matar, ou porque nunca aprenderão a se alimentar sem o capitalismo, já que acreditam que a comida vem do supermercado.

Neste caminho, o mais importante não é uma ou outra atitude de luta, senão a memória e a projeção de quem somos.

14. Nossas vidas duram milhares de anos

Os indivíduos do mundo somos muito maiores que nossos corpos. Uma diferença entre eu e o indivíduo ocidental, esse ser tão otário, é que meus pulmões incluem o bosque enquanto o mar, as nuvens e os rios conformam um mesmo corpo com meus rins. Ao indivíduo ocidental se podem tirar os pulmões e os rins, metê-los em um vidro e mandá-lo a um

museu. O indivíduo ocidental, criatura depreciável, tem que alugar as ideias que lhe passam pela cabeça, já que são propriedade intelectual.

Nós, os do outro lado, já coletivizamos tanto nossas ideias como nossos sistemas imunológicos, nossas lutas, nosso imaginário. Nunca conseguiram nos tirar a comuna por completo.

Ademais, enquanto o indivíduo ocidental só vive algumas décadas, nossas vidas duram milhares de anos. Só nos toca abrir os olhos alguns poucos de estes anos, mas estamos aqui durante muito mais tempo. Portanto, não há pressa. Levamos séculos lutando e todavia não nos venceram. O importante é encontrar um ritmo que possamos sustentar e assim não destruimos a nós mesmos. Entre nós, sempre haverá os companheiros mais bonitos – os mais sensíveis, ansiosos e valentes – que converterão suas vidas em uma rosa de fogo, que arderão para queimar as mentiras, que explodirão a bombas para fazer soar os latidos tão fortes do nosso coração: *aqui estamos, ainda e sempre*.

Mas somos nós os que guardamos sua beleza, os que recebemos seu presente. Não devemos seguir construindo um martirologio que ensine o caminho da pressa, o caminho suicida, como o único que vale. Vamos longe. Se atacamos desde a ansiedade e da impaciência, desde a desesperação, perdemos nossa força quando não produzamos resultados imediatos, quando caia a repressão inevitável.

Agora na península ibérica se está reproduzindo a estratégia norte-americana do ELF¹. Deveríamos nos perguntar, por quê? Se interaram dessa estratégia por meio de alguns documentários e alguns artigos na internet e não se preocuparam demasiado por seu fracasso final? Não tem sido dado tanta importância a entender por quê essa estratégia fracassou, por quê a maioria dos detidos se renderam e se caguetaram, que todos se auto-isolaram, justamente pela forma de luta escolhida? O fracasso representado pela repressão de 2003² não foi suficiente, faz falta outro?

Os fracassos nos convidam a questionar tudo, a cuidar aos companheiros reprimidos e a nós mesmos, a reflexionar com tranquilidade, a voltar ao ataque não só com mais raiva senão também com mais inteligência. Temos que interiorizar esse processo até que as ruas pensem por si sós.

A militância insurrecional teme um ano sem ataques como uma pacificação, e em uma comunidade de pessoas que não sabem quem são, realmente constituiria a perda de uma ferramenta indispensável e uma vitória para a paz social. Baixo o regime da amnésia capitalista, as pessoas

podem se esquecer da guerra em um ano sem a presença daqueles cuja memória sustenta as lutas eternas.

A militância ativista pronuncia a derrota se não mantêm o mesmo ritmo semana após semana, como se o mundo não existisse, como se fossem trabalhadores e seu ofício fosse o de vendedores de resistência. Realmente existe uma semana? E os animais que dormem pelos invernos ou as plantas que não crescem durante o verão, são derrotados?

Temos que semear e naturalizar um ritmo cotidiano de luta na rua. Ainda que temos muito tempo, como lutaremos agora repercutirá nas lutas do futuro. Não é casualidade que os poucos lugares onde as pessoas resistiam coletivamente às caças as bruxas (e os avances patriarcais e capitalistas que representaram) são os lugares com as lutas populares mais fortes na Europa do século XX: ou seja, Euskal Herria e Irlanda. Tampouco pode ser casualidade que o país que lutou com mais ferocidade por sua independência política, mas não se solidarizou internamente contra a imposição de um patriarcado cristão mais intenso, hoje em dia desfruta de uma autonomia que quer dizer muito pouco e se converteu em um país extremamente capitalizado: Suíça (também faz falta mencionar a Escócia, que tem uma história parecida com a presença do calvinismo e uma forte participação nas caças as bruxas, mas não lhe concedem maior autonomia dado que perdeu suas guerras contra a Inglaterra).

O capitalismo surgiu como uma estratégia de controle social implantada pelas elites que formariam o novo Estado (príncipes progressistas com burgueses e teóricos protestantes) mas foi um patriarcado renovado que permitiu criar raízes e mudar totalmente o terreno da existência.

Assim que cabe se perguntar: pretendemos atacar as mega-estruturas do Estado e do Capital sem mudar as relações entre nós e as tarefas que a carreta isso – questionar os conceitos dominantes de tempo e ritmo, de sobrevivência e vida, de símbolo e realidade?

Se chegamos a questionar os ritmos que o capitalismo nos implantou, está bem reconhecer que a luta existirá todavia daqui a quinhentos anos, portanto não há pressa, mas uma luta forte hoje em dia nos pode dar mais possibilidades de luta para então.

¹A Frente de Liberação da Terra ou ELF, foi um grupo clandestino ou mais bem uma prática clandestina de atacar mediante o incêndio a construções, laboratórios, universidades e outras entidades involucradas na destruição da terra, com objetivo de lhes provocar mais danos econômicos possíveis. A nível técnico o grupo teve muito êxito durante mais de dez anos mas quando por fim o FBI conseguiu colocar um

infiltrado e deter a umas vinte pessoas, os acusados em muitos casos não possuíam um apoio forte ou já haviam deixado a luta clandestina, urgente e isolada. A ELF está relacionada com a ALF, Frente de Libertação Animal, que costumava fazer menos incêndios e mais liberações diretas de animais presos em fábricas e laboratórios.

²Em 2003, sucederam alguns golpes repressivos em Barcelona que, parecido ao golpe de “Greenscare” um par de anos depois, frearam efetivamente as lutas às quais se dirigiram, semeando o medo, o desânimo e a decepção de um amplo entorno.

15. Uma complementariedade de tarefas

Necessitamos desenvolver uma prática baseada na complementariedade de distintas tarefas e distintas estratégias. A estratégia verdadeiramente anarquista não pretende converter a luta em um monopólio nem impor uma homogeneidade desde cima, senão só desdobrar as forças que realmente pertencem a um, de igual modo que em um mundo anarquista, um não pretenderia mandar aos demais senão organizar o seu e influir nos demais e ser influído pelos demais para chegar a uma harmonia entre as diversas partes.

A estratégia anarquista tem que ser sempre uma maneira de aproveitar uma multiplicidade incontrolada de estratégias. Portanto, temos que distinguir entre as estratégias que realmente nos prejudicam, que nos tiram a liberdade, e as que para nós são mais ou menos interessantes mas em qualquer caso ampliam o terreno de luta e multiplicam as frentes de conflito.

Dentro disso, é muito mais importante nos acostumar a um pensamento estratégico – sempre valorando em cada situação o quê podemos conseguir e o quê poderíamos perder – que encontrar a estratégia correta.

Estaremos mais fortes se nossa valoração estratégica inclui uma perspectiva de imediatez e uma perspectiva que abarca mil anos de história e futuro. Como ligar as tarefas que fortalecem uma luta de mil anos com as que fazem a luta forte este mesmo ano? Para começar, temos que valorar igualmente as tarefas de cuidado, de memória, de sobrevivência, de imaginação, de reflexão, de propaganda, de extensão e de ataque.

Se aprende não só da experiência, senão também da diferença, e ao juntar práticas diversas e reconhecer diversas necessidades de luta, teremos mais oportunidades para aprender e afiar nossa prática.

A grande ênfase que puseram os insurrecionalistas no conceito da afinidade parece errôneo. Em cada análise, há prioridades que podem se

converter em hierarquias e há normas que podem se converter em códigos. Em um entorno baseado na informalidade e na afinidade também existem jogos sujos. É possível compartilhar uma estreita afinidade política com alguém que não cuida bem aos companheiros, que é covarde ou manipulador.

É mais importante a sinceridade: a ilusão por lutar com todo o coração, o desejo de cuidar aos companheiros, o ânimo a sempre combater com melhor efeito, a paixão por vingança, a imaginação de novos mundos, a capacidade de receber críticas, a valentia. De fato, todas essas coisas são a valentia. Faz falta ser valente para ser sincero. A covardia pode se realizar mediante o reformismo mas também por um certo extremismo que, por pura tenacidade, não teme ao cárcere, mas teme sobretudo ser questionado, esperar, desejar, se contagiar com a complexidade do mundo.

16. A comunidade contra a repressão

Para sobreviver a repressão, aparte da valentia, o mais importante é o reconhecimento de que não temos pressa e, portanto, não faz falta atacar desde a desesperação ou a impaciência; e um planteamento que valore igualmente as tarefas complementárias de cuidar dos companheiros, realizar projetos que fomentem relações libertárias e nos sustentem em luta, e atacar. O caráter heroico do insurrecionalismo ibérico esqueceu esse balance. Honrando a imagem do mártir solitário – depois de haver realizado uma ação suicida ou haver marcado um ritmo igualmente suicida (ou as vezes por má sorte pura e dura) – criamos uma luta solitária e suicida. No quadro de nossa memória se vê uma só figura, um Roger, um Carlos, um Maurício ou um Severino. As pessoas que lutaram com eles, que sobreviveram e que sofreram a perda ficam esquecidas.

A verdade é que nos fascina a imagem de uns poucos contra o Estado. Assumimos nosso isolamento, nosso antagonismo, até mante-lo. Adoramos mais a um Ravachol que a uma Louise Michel porque nos identificamos mais com ele que declarou a guerra a sociedade e lutou com uns poucos afins, que com ela, que se movia entre as barricadas, as assembleias e os bairros, que não só disparava desde as barricadas senão também curava e comovia as pessoas.

O Estado tem humores. Pode passar por épocas mais conciliatórias ou mais prepotentes. Não sempre atua por seu melhor interesse. O modo de ataque dos Ravachol exige uma resposta forte por parte do Estado, porque

tal modo questiona e provoca a mesma força do Estado. Ainda que este esteja com um humor conciliatório, no momento terá que responder com repressão para preservar a ilusão de seu monopólio de força. A arrogância sempre provoca uma resposta arrogante. Mas não vamos mentir: os ataques dos Ravachol nos enchem de alegria e esperança. A palavra “arrogância” vem do grego antigo e se refere a postura combativa do guerreiro que ataca a um mais poderoso que ele. Precisamos da arrogância para nos inspirar, para nos lembrar de que ainda que estamos sozinhos, atacar sempre é possível e nós somos mais valentes que os covardes miseráveis que trabalham como valentões para o Estado.

Mas a arrogância, se é o único humor do qual somos capazes, esconde os elementos necessários para sobreviver a repressão. Também precisamos ser sensíveis, humildes, cautelosos e atentos às mudanças de humor do Estado e sua provável reação ante nossos ataques.

Esta tem sido a falha do insurrecionalismo italiano (a influência principal para o pouco formado insurrecionalismo ibérico). Ressuscitou uma crítica importante da recuperação – uma crítica que faltava em muitos países – mas não desenvolveu uma prática adequada em quanto a repressão. Subiram o nível de sua luta sem ter o que necessitavam para sustentar tal luta, sem entender o que é a sociedade e como havia mudado nas décadas anteriores para secar as lutas sociais e possibilitar uma repressão mais forte. Não entenderam que, na medida em que ainda existe a sociedade, esta funciona como freio ao projeto estatal de controle total, que não existem Estados fortes e Estados débeis por sua natureza senão que existem estratégias para aumentar a força do Estado e estratégias para aumentar a força das lutas e a sociedade em si. Se o Estado italiano ganhou o poder para realizar uma repressão forte foi porque sua estratégia triunfou e porque os rebeldes deixaram que a sociedade morresse.

Ironicamente, ainda que os companheiros insurrecionalistas aí tiveram uma boa crítica a recuperação, seu isolamento devido a outros erros também isolou sua crítica, facilitando a recuperação de grandes setores das lutas sociais da Itália pelo negrismo e outros caminhos.

O insurrecionalismo chileno, ao contrário, sempre se situou no seio de bairros combativos ou em setores de jovens combativos. E ainda que nunca foram muito fortes e em geral tem tido uma postura ainda mais antissocial que os companheiros italianos, puderam sobreviver e inclusive quiçá ganhar a um golpe repressivo, um golpe que nem sequer conseguiu parar os bombaços e outros ataques.¹

E com ainda mais êxito, os companheiros gregos criaram um *xoros* – um espaço – anarquista que demonstra uma complementariedade de estratégias e um equilíbrio entre posturas sociais e antissociais, cada uma delas indispensável. Dado que em geral não são relativistas, é possível que a maioria deles não estejam de acordo com uma visão integral de seu espaço porque cada postura e cada estratégia tem fortes críticas da outra, como deve ser. Mas a verdade é que resistiram aos intentos de unificar o *xoros* ou convencer aos companheiros com opiniões distintas. Defenderam um espaço heterogêneo (quicá um dos mais heterogêneos) e isso não se pode separar do fato da sua relativa força.

Ao outro extremo, estão os companheiros libertários de Bolívia, que desenvolveram uma das práticas mais capazes de sobreviver a repressão. Tinham assumido uma grande capacidade de violência e em várias ocasiões ganharam ao exército ou ao menos sobreviveram suas ofensivas. Companheiros daí expressaram que na Bolívia não tem sentido o insurrecionalismo porque, sendo um dos países menos colonizados do mundo, todavia desfruta de uma memória viva e um imaginário popular de um mundo fora do capitalismo e contra o Estado. Aí, segundo eles, a sociedade todavia existe (ou melhor dito, as várias sociedades e nações indígenas) e só necessitam voltar a autogestionar suas próprias necessidades e o Estado cairá (ou, mais provável, um estado vizinho o invadiria, dando lugar a uma etapa distinta de luta). Por dizê-lo de outra maneira, em muitas partes da Bolívia, para acabar com o Estado as pessoas só tem que linchar ao prefeito do povo, feito sucedido muitas vezes, e pode voltar a forma de vida autóctone.

Não obstante, faz cinco anos os companheiros da Bolívia não haviam difundido uma crítica a democracia ou a recuperação e com a eleição de Evo se recuperaram os movimento sociais e as lutas pararam durante vários anos.

Fazendo uma comparação entre estes contextos distintos, se pode propor que uma luta baseada em uma comunidade forte é mais capaz de sobreviver a repressão. Sem embargo, a comunidade, incluso no canto mais livre do mundo, não acaba de ser imaginária, e se não trabalhamos bem uma imaginação libertária, nossa suposta comunidade incluirá os futuros políticos que recuperarão a luta. Tudo tem que ver com a pergunta básica: quem somos?

¹ No momento de escrever, o “Caso Bombas” não havia terminado mas parece bastante desmontado. Ademais, parecem ter conseguido bastante apoio ou ao menos visibilidade social frente a repressão dirigida aos anarquistas a partir das detenções de 14 de agosto de 2010.

17. Como nos defender

A repressão é um cerco. Tem o objetivo principal de nos isolar e objetivo secundário de nos desgastar. O cercamento repressivo pode ser sincrônico ou diacrônico, é dizer, pode nos isolar de nossas contemporâneos – nossos vizinho e demais – ou pode provocar uma ruptura histórica que obstaculize a transmissão do aprendizado e da experiência entre uma geração e a seguinte (o problema crônico das lutas nos países de língua inglesa).

Os grupos antirrepressivos são contraproducentes quando assumem a tarefa de organizar a solidariedade. A repressão só se pode vencer pela extensão da solidariedade. Portanto, os grupos antirrepressivos deveriam assumir a tarefa de estender a cumplicidade e o compromisso nas ações de apoio e solidariedade em vez de tentar organizar ditas ações por si sós.

Para vencer o desgaste e desânimo, que são os objetivos secundários da repressão, é necessário, como já sabe todo mundo, que se cuidem bem aos represaliados e que sigam os ataques. Não obstante, é um erro assumir a necessidade de que sigam os ataques com o mesmo ritmo ou da mesma forma. Sempre necessitamos ser flexíveis e adaptar-nos a situação. Uma vantagem que temos contra o Estado é que podemos mudar nossas práticas com muito mais rapidez. É uma vantagem que deveríamos utilizar, em vez de reproduzir uma constância que é própria de uma máquina.

Por enquanto, necessitamos uma prática de segurança que se baseie na questão estratégica do cercamento e não nas técnicas, como fazem os companheiros alemães. É necessário conhecer minimamente as tecnologias de repressão e seguimento, saber os dados básicos sobre o email e os celulares, mas não se obcecar mais da conta com este tema. Aparte das pessoas que querem se especializar nisso, é uma distração. A prática técnica é uma solução ao planteamento: como evitar que a gente caia preso? Pergunta bastante absurda enquanto sigam existindo os cárceres. A pergunta inteligente é, “como superar o isolamento quando a gente caia preso?”

18. Por quê atacar

Atacar tem quatro sentidos. 1: Voltar a viver, a ocupar nossos corpos e sentir profundamente a raiva que nos provoca essa civilização, mas em vez de nos afogarmos nela, nos fazemos mais fortes e sãos atuando através

dela. Também mediante a vingança raivosa podemos mandar mensagens de amor a compas reprimidos em outras partes, que lhes ajude voltar a viver apesar de estarem em uma jaula. 2: Visibilizar os conflitos sociais e sugerir à sociedade possíveis respostas. 3: Mostrar que existimos e somos fortes, condição necessária para conseguir a presença social. 4: Acumular prática para poder sabotar ao sistema quando brote um momento de ruptura e rebelião popular.

Os anarquistas sozinhos não podemos fazer um dano real ao Estado com nossos ataques se estes não se desenvolvem no marco de uma rebelião popular. Durante uma rebelião popular, nossos ataques podem produzir um efeito revolucionário, neutralizar a recuperação, tencionar os conflitos e abrir novos caminhos de luta. Dado que normalmente não se dá nenhuma rebelião popular, os ataques são importantes em uma cotidianidade anarquista pelas quatro razões anteriores.

Desafortunadamente, muitos insurreccionaistas formularam seus ataques – sem se dar conta – como uma conversação com o Estado. Se imaginam sozinhos em uma guerra contra todo o existente, atacam a símbolos do Estado com edifícios do governo e planteiam seus ataques não necessariamente como sabotagens senão como vingança. Falam em seus comunicados a um “tu” que é seu inimigo, e valorizam a ideia de uma onda de ataques coordenados, da qual só se vão inteirar os companheiros e os agentes do Estado (se não esperam que os meios comunicarão suas ações às massas, parte fundamental das estratégias de grupos como RAF e Brigade Rossi). Pretendem destruir e só estão levando a cabo uma conversação com o Estado mais contundente mas igual de simbólica que as conversações que formulam os progressistas através das eleições e da desobediência civil.

19. A afinidade existe em redes, não em grupos

A afinidade tem uma natureza fluida. Dado que estamos treinados para ver o mundo através de um racionalismo baseado em uma geometria cartesiana, atribuímos a afinidade, mentalmente, a forma de um círculo. Os membros de um grupo de afinidade, portanto, seriam pontos na circunferência de um círculo dado, e um espaço anarquista consistiria em um plano cheio de círculos bem definidos. Alguns maiores, outros que se fragmentam ou se dissolvem com o tempo, e por aí algum triângulo complexo – os companheiros que seguem militando na Organização.

Essa visão é errônea, não porque a afinidade não seja um círculo, senão porque baseamos nossa prática, ao menos as vezes, na suposição implícita da objetividade da nossa visão. O céu nos parece um anel porque estamos no centro. Só seria errôneo dizer que o céu tem forma de anel se passamos a representá-lo com o desenho de um anel – mostrado desde fora, desde uma perspectiva externa, como todas as representações em duas dimensões.

É o ensino racionalista e a necessidade de representar o que vemos com quatro dimensões em só duas, o que nos extrai de nossos próprios corpos e nos treina para o ver o mundo desde fora, facilitando assim a desapareição do mundo.

A afinidade só nos parece um círculo porque estamos no meio, igual que ao céu. Para ser honestos, desenharíamos a afinidade como um círculo com um ponto no meio que representa o “eu”, e pontos na circunferência que representam a nossos companheiros. Se não somos muito tolos, de imediato vemos um possível problema: todos nossos companheiros constituiriam os centros de outros círculos que não somos capazes de ver, devido a nossa perspectiva. Pode ser que eles tenham mais afinidade com alguém que não forma parte de nosso círculo que com alguém que está do outro lado do mesmo.

Quase cada vez que se tenta formalizar um grupo de afinidade, haverá alguém que tenha mais afinidade no grupo que os demais, alguém que seja mais igual que os demais. Outra vez o maldito erro da igualdade, surgindo no seio do insurrecionalismo.¹

As vezes existem motivos para formalizar grupos de afinidade. Mas já é tempo de reconhecer que a afinidade não existe em grupos, senão em redes que se movem com o tempo. Não nos enfrentamos com círculos senão com um mapa de pontos se movendo fluidamente como uma bactéria no microscópio. Em cada momento, com cada projeto, cada um destes pontos terá um círculo ao seu redor mas irá mudando. Em geral, tentar captar esse movimento e pará-lo dentro de um grupo fixo é malgastar energias em preservar um grupo que prontamente haverá perdido sua utilidade. É falsificar a afinidade para não sofrer uma percebida derrota com a dissolução do grupo. A afinidade não é uma geometria estática de relações estabelecidas senão saber se mover na rede caótica e se vincular com outras pessoas segundo as necessidade e desejos de cada um.

¹. Neste caso o erro de supor uma igualdade de experiência, de visão e de perspectiva; o erro de entender a afinidade como um estado de homogeneidade e não como uma prática de se relacionar entre seres distintos.

20. Apreciar a desorganização

Os inimigos da revolução, desde o século XIX, sempre esgrimaram a crítica a uma suposta desorganização para justificar a formalização, a centralização, é dizer, a recuperação da luta. Até os próprios anarquistas – sobretudo os mais populistas – se aproveitaram de discursos demagógicos para matar a anarquia, desde infames cenetistas como Federica Montseny e Diego Abad de Santillán até os partidários atuais da imposição do consenso formal e processos parecidos, os que passaram pelo movimento antiglobalização sem ter aprendido nada, evidentemente, além de algumas táticas sem estratégia e um derrotismo sofisticado.

Em geral, as debilidades produto de uma suposta falta de organização realmente surgem de uma confusão teórica. Se diz que os anarquistas na revolução russa eram desorganizados e por isso ganharam os bolcheviques. É certo que vários setores anarquistas então padeciam de uma falta de iniciativa e de unidade, mas a divisão maior tinha que ver com a questão de sua relação com os próprios bolcheviques. Se os anarquistas fizeram algo para facilitar a vitória aos bolcheviques, não foi o fato de não formar um congresso nacional¹ ou outro órgão unido, senão o ato de ajudar diretamente aos bolcheviques, de lhes confundir com aliados graças aos discursos populistas e antiautoritários de Lenin na época justo antes da revolução.² Foram anarquistas como o marinheiro de Kronstadt Zhelezniakov que funcionaram como tropas de choque para os bolcheviques no golpe contra o parlamento em outubro, e também todos os anarquistas que acudiram as filas dos comunistas como maneira pragmática de promulgar a revolução social. Isso não os salvou dos gulags.

E se antes havia uma divisão ideológica que freou a habilidade dos anarquistas de coordenar sua luta, aparte do desacordo eterno entre os anarco-sindicalistas e os anarco-comunistas, faz falta destacar a confusão semeada pelo acadêmico Kropotkin ao se posicionar a favor dos aliados durante a Grande Guerra em vez de adotar uma posição antimilitarista que haveria ajudado aos anarquistas a fomentar a deserção no exército e a dissolução deste, órgão que se converteria em argumento mais importante a favor do leninismo: o Exército Vermelho.

O aprendizado que extraíram vários anarquistas espanhóis do fracasso russo não era o porquê não colaborar com comunistas senão o porquê não promover sua própria luta, não realizar nenhum ataque contra o Estado parecido com o de outubro de 1917. Assim que foi um discurso antiautoritário o que justificou a colaboração de certos cenetistas com o governo: outra vez se vê que ideias imbecis convencem facilmente quando servem aos interesses do poder. E dentro dos discursos a favor da colaboração e contra as milícias e as coletivizações, a crítica a uma suposta desorganização foi a mais comum. Mas já vemos claro que a desorganização anarquista conseguiu todos os logros revolucionários de '36, enquanto a organização os traiu e assegurou a vitória estalinista (que queria uma derrota na Espanha para possibilitar um pacto com os Nazis e para acabar com o sonho anarquista e com um grande número de comunistas dissidentes). Não era a desorganização a que constituiu sua debilidade senão a confusão teórica, o ignorar quem eram e quem foram seus aliados e quem não.

Atualmente, as assembleias de bairro de Barcelona se enfrentam com uma crítica a uma suposta desorganização e falta de coordenação, a qual se converte em uma justificativa para a necessidade de se centralizar em uma estrutura formal. Dado o caráter das pessoas que empurram essa proposta, fica claro que em 75 anos pouco mudou.

A ironia é que, enquanto o valor da organização é reclamada dentro dos movimentos sociais, seguramente devido a uma mania para comprovar sua própria sofisticação e demonstrar que tal movimento também seria capaz de governar dada a oportunidade³, os estados e seus científicos já faz tempo que reconheceram a inteligência do caos e estão se aproveitando dela para aumentar o controle social com novos métodos e tecnologias.

Os anarquistas que temem ao caos e a espontaneidade demonstram um medo que terão que superar; parece que se nutrem da normalidade midiática, porque hoje em dia o conceito de caos só espanta no anfiteatro do público mediatizado. Dentro da academia o caos já desde faz tempo é um conceito cotidiano e mundano. As estruturas que serve a academia temem ao caos enquanto não esteja dissecado. Fracassaram em seu intento de suprimi-lo, e ao averiguar que o caos é o princípio mais fundamental do universo estão tentando colonizá-lo para converter o universo em uma fábrica.

As novas ciências militares estão estudando maneiras de controlar a grupos combatentes descentralizados (provavelmente através do treinamento e a ideologia, para que os possam deixar atuar autonomamente

– uma forma mais eficaz – e logo confiar em que voltarão a receber novas ordens em vez de romper com a hierarquia); as novas ciências da informática estão construindo computadores modelados ao cérebro humano, baseados em redes descentralizadas de neurônios; a nova física rompe com o mecanismo racionalista que tem sido um elemento fundamental da religião científica desde os tempos de Bacon e Descartes, para aceitar a realidade caótica do universo.

Claramente, o fazem para aumentar seu controle. A religião científica tem essa vantagem sobre a religião cristã: não tem que obviar os feitos que contradizem seus princípios, senão que pode extrair tais feitos de seu contexto, do mundo que lhes da vida, pode os converter em informação inerte e pode metê-la em seus esquemas mortos onde o único contexto é o impulso de explorar e controlar. Assim que, dentro do racionalismo, não existe informação nem argumento que ameace seu poder. Para lograr isso, os argumentos teriam que se ligar aos ataques, a uma força social.

Entender o movimento caótico das partículas subatômicas não contradiz as bases racionais do capitalismo se tal entendimento nunca chega a nutrir uma filosofia do caos e da rebelião, senão que ajuda ao capitalismo a construir os novos nanorobôs – tecnologias operando ao nível fundamental da biologia e da física.

Temos que reivindicar o caos e a desorganização como princípios inteligentes da organização livre. Mas não podemos desligar estes conceitos de seu elemento de negação a ordem atual, como os cooperativistas que oferecem seu modelo de trabalho ao mercado capitalista ou ativistas antiglobi que ensinam o consenso aos empresários e as ONGs com a esperança de que a forma em si pode mudar o mundo. Forma sem conteúdo ou conteúdo sem forma são coisas mortas, corpos desmembrados.

Ao valorar o caos, não temos que criar um culto dele. Também está bem que haja tentativas de criar organização formal. Ao fim e ao cabo, a entropia necessita estruturas para erosionar, verdade? Fortalece a luta que haja companheiros participando nos espaços mais formais dos movimentos sociais (se os podem aguentar), sempre que sejamos capazes de lhes criticar e influir neles, condição que requer uma relação viva e comunicativa.

Por muito que se possa criticar – por utilizar o exemplo mais anedótico – a CNT pelas estratégias errôneas de 36, não sacamos nenhuma leitura histórica do episódio se não reconhecemos também o óbvio: não seria possível uma revolução naquele tempo sem a CNT. Para matizar mais, faz falta recordar que a CNT não foi só uma organização formal e federada senão também uma rede informal de relações e cumplicidades nos bairros

e nas fábricas. Foi graças a essas redes, mais que outra coisa, que a CNT sobreviveu os anos de ditadura e repressão (antes de 36) quando suas estruturas formais resultaram suprimidas.

De igual modo, a ocupação da Praça Catalunya em maio de 2011 foi muito mais que um conjunto de comissões e subcomissões, imperfeitas e em alguns casos nefastas, legitimadas pela inoperante Assembleia Geral. Também foi uma rede caótica de novas cumplicidades, debates, comunicação e aprendizagem. E as forças ganhadas em tudo aquilo se devem tanto a presença anarquista na parte informal como a participação antiautoritária nas comissões e subcomissões. A crítica mais interessante e útil não é por uma em cima da outra (ainda que todos deveríamos ter clara qual é a parte mais perigosa e qual a mais criativa) senão discutir em torno às prioridades; se muitos companheiros dotaram de demasiada vida e legitimidade as comissões, se outros companheiros facilitaram as manobras dos políticos internos enquanto ajudavam nos processos logísticos de maneira acrítica ou pouco crítica.

O resultado de nossa valorização da desorganização deve ser um rechaço à ideia de unidade. Os que tentam nos vender o conto da unidade são os que querem conduzir. São líderes em busca de uma massa.

Os anarquistas não necessitamos uma plataforma. E dentro desta heterogeneidade também cabem os platformistas. Não porque sejamos uns relativistas que temem realmente acreditar apaixonadamente em algo e, romper a boa onda com críticas fortes, senão porque nunca os deixaremos impor sua plataforma em cima dos espaços anarquista porém tampouco nos interessa dedicar energias a lhe liquidar como inimigos ideológicos; porque alguns companheiros se sentem mais cômodos em grupos formais, confiam mais nas palavras escritas em um papel que as que vivem no ar, e talvez, elaborando seu próprio modo de luta, podem conseguir algo imprevisto, podem nos surpreender, podem criticar nossos próprios erros.

Se aprende da diferença. Viva a desorganização!

¹É dizer, um congresso que reunisse não só aos anarco-sindicalistas, ou não só aos anarco-comunistas kropotkinistas ou não combativos, senão um que conseguisse um fictícia total unidade anarquista, adequada a um partido político ou organização político-militar como tinham os bolcheviques.

²O fato de que Lenin tivesse que satisfazer sentimentos anarquistas nas massas demonstra a popularidade da ideia libertária e as grandes possibilidades que tinham os anarquistas para levar a cabo sua própria propaganda em vez de buscar uma unidade revolucionária com grupos vanguardistas. Aqui não pretendo dissuadir a aliança com qualquer grupo que não seja anarquista, dado que o purismo é fatal, já que, por exemplo, grandes setores dos *eseritas* (os SR), entre outros, não demonstraram nenhuma predisposição para o vanguardismo.

³Se trata de outro caso da imprensa treinando aos rebeldes a se ver através dos olhos dos poderosos que se põem na defensiva e querem mostrar ao poder paternal que não são antissistema sem demandas nem ideias do quê querem, senão que sabem muito bem como se disciplinar e como executar planos bem ordenados, enfim, saber atar bem as coisas.

21. *A magia rebelde*

Negando o pensamento mecânico do racionalismo científico, os rebeldes podemos encontrar o mundo desaparecido através de um pensamento mágico. Porém não toda a magia é igual. A filosofia confuciana se apropriou da magia tradicional para criar uma filosofia que legitimava metafisicamente o poder divino do Estado chinês. A magia dos artistas e alquimistas do Renascimento permitiu a leitura de uma ordem perfeita nas hierarquias contemporâneas.

Na sociedade da zoo-enciclopédia-cárcere-museu, a magia morre no papel. Se bem foi possível uma vez, suposição suspeitosa, atualmente não pode consistir em sinais e gestos, senão em atos e olhares, em germens que nascem em outro terreno ao das palavras.

O caminho para a magia rebelde só pode se assinalar. Consiste em explorar os mistérios do mundo, a interconectividade de todo o existente, o fato de que somos nossas relações – ou seja, somos muito mais que nós -, que vivemos milhares de anos, que a história e o futuro se misturam, que em nossos próprios cérebros a imaginação e a memória estão ligadas, que a terra em si está viva. Consistem em abandonar os pensamentos de intercâmbio e valor a favor de um pensamento de mutualidade e presente, em reconhecer que não vivemos através de uma exploração moderada dos recursos que nos rodeiam senão vivemos graças aos presentes de outros seres que também formam parte de nós, que deveríamos honrar com presentes nossos. Consiste em reconhecer que podemos conseguir o que acreditamos possível, que dez pessoas com suficiente ânimos e valentia podem realizar um ataque que cem pessoas duvidando nunca conseguiriam, que uma pessoa suficientemente louca pode fazer correr a cinco antidistúrbios treinados. Mas a loucura que nos permite esse poder não é uma aposta calculada senão o se render ao mundo, o saber que morrer não é nada mais que voltar à terra. O rebelde louco é o que se entende a si mesmo como um elemento mais, mas em vez de fogo, água ou ar, é a paixão pela liberdade e fará o que lhe exige sua natureza. A este não se pode parar, nem sequer matando, porque não é um indivíduo senão um

espírito que viaja de corpo em corpo, visitando inclusive aos mais tímidos se sabem se abrir ao mundo.

22. *Aparecendo*

As vezes só faz falta plantear a pergunta, e começa a aparecer a resposta, ainda que sempre de forma inesperada. Os fatos do 15M responderam a pergunta da tese sobre “aparecer nas vidas dos demais,” quando os demais começaram a aparecer em nossas vidas, nas ruas. Mas o marco político em que apareceram pretendeu prevenir sua aparição no mundo, pretendeu lhes roubar a memória mais limitada e lhes fazer não ver a si mesmos como uma parte da trajetória de revoltas recentes – as de Primeiro de Maio e a greve de 29S¹ - nem muito menos uma trajetória anticapitalista que abarcaria centenas de anos de experiência coletiva. A estrutura preparada pelos ativistas da Democracia Real Ya que pretendeu conter toda a raiva popular dirigiu as massas a se entender como cidadãos indignados, como se o capitalismo e a democracia, supostamente falsa, houvessem deixado de satisfazer as necessidade como antes, nos dias tão bonitos de bonança e bem-estar, como si houvessem aparecido assim de repente graças a Twitter e Facebook.

Hoje em dia, os rebeldes de Barcelona e de outras cidades onde estão surgindo ocupações, desde Argentina aos Estados Unidos, nos enfrentamos com a aparição de fantasmas, de meias-pessoas. Estamos em um processo coletivo de recordar quem somos, para poder aparecer por completo.

Em outro momento, momento de paz social e não de agitação, nos enfrentaremos de novo com a necessidade de inventar táticas para aparecer nas vidas dos demais, com petardos, fogo e moléstias, segundo o caminho antissocial. E, segundo o caminho social, por convites a comidas à carater, conversas e filmes nas praças, presentes da horta e mais coisas que estão por inventar.

Mas agora, temos que estender o autoconhecimento rebelde até tal ponto que desde as assembleias de bairro e as ocupações de apartamentos até as manifestações, muitas mais pessoas sintam em sua pele a perda da terra, o cercamento do espaço público, os séculos de opressão e a confiança em nós mesmos, sem nenhum mediador nem representante.

¹No Primeiro de Maio de 2011, duas semanas antes do começo do 15M, milhares de pessoas marcharam ao bairro rico de Sarrià e rebentaram uns cem bancos, lojas de luxo, concessionarias de automóveis e

outros símbolos do capitalismo e da riqueza. O 29 de setembro de 2010, uma grande parte da cidade participou na greve geral, não somente deixando de trabalhar senão bloqueando as ruas, repartindo propaganda e lutando contra a polícia.

23. Falar de revolução

Não necessitamos esquemas fixos para o futuro. Quando o futuro é uma certeza, se morre a imaginação e com a imaginação morre também o futuro. Os libertários temos rechaçado os anteprojetos do futuro mas com esse rechaço temos negado também o dever e o prazer de imaginar outros futuros. Este erro é uma derrota escolhida.

A insurreição não pode se nutrir em qualquer terreno estéril que padece uma carência de imaginários. Chegará a queimar tudo o que obviamente constitui uma agressão contra as vidas das pessoas que participam nela – as delegacias, os bancos, as sedes do governo e talvez, se são muito espertas, o canal de televisão – mas duvidará ante a tarefa de transformar o que lhes mantém em estado de sobrevivência: a indústria da alimentação, o trabalho, os apartamentos fechados e unifamiliares, o transporte, a educação e a sanidade institucional, é dizer, as engrenagens do sistema capitalista.

É irônico que os rebeldes já houvessem deixado de falar de revolução quando um dia em maio 100,000 desconhecidos se reuniram em uma praça para gritar, “aqui começa a revolução” Seria fácil dizer que sua visão da revolução era social-demócrata e, portanto, contrarrevolucionária. Provavelmente é certo. Mas também é certo que os anarquistas que se atrevem a reivindicar esta revolução criticamente opinando que tinha que passar pela destruição do capitalismo, da solidariedade, o rechaço a qualquer partido político, a recuperação de uma memória de centenas de anos de luta, se encontraram com bastante apoio e logo desconhecidos se aproximaram para lhes dar a razão, se apresentar e iniciar conversações que deixaram as duas partes mais sábias e menos isoladas.

Se abusou bastante do termo “revolução” e originalmente não queria dizer muito mais que um golpe de Estado, a substituição de uma classe de chefes por outra. Mas as palavras não nascem de um sentido essencial senão que vão renascendo e mudando seu sentido segundo seu uso, já que o conceito de revolução também pode abarcar liberação ou até o conceito aymara de *pachakuti*, devolvendo ao conceito seu sentido literário de movimento circular. A história desgraçada das revoluções do século XX tem manchado o termo de novo, mas nos coibir para evitar o fracasso é

derrotismo. Não importa qual termo utilizemos, temos que falar mais além da negação, temos que situar esta conversação no terreno imaginário e temos que infiltrar os novos imaginários na mente coletiva.

É significativo que as escassas tentativas de projetar um futuro anticapitalista – por exemplo o Parecon de Michael Albert ou o mundo racionalizado, dirigido por computador e mantido por robôs, de Zeitgeist – não questionam as bases fundamentais do capitalismo, senão que as reforçam. Impor o plano ao mundo é ressuscitar o impulso ao controle e este é o latido do coração mecânico do capitalismo. Não obstante, suas distopias autoritárias, mascaradas como solução final, nos ajudam a imaginar possíveis fracassos – novas maneiras de perder ganhando – e nos assinalam elementos essenciais da atualidade que necessitamos questionar mais. Nenhuma visão reivindica a figura do político nem do Capital, mostrando que ao largo dos anos os antiautoritários temos tido êxito em difamar estas figuras na imaginação popular. Mas a utopia de Albert se baseia na quantificação e valorização do trabalho e seus produtos, enquanto a utopia de Zeitgeist confia totalmente na figura do científico e da tecnologia. Nos dois casos, se baseia a suposta utopia na racionalização das necessidades humanas, não deixando nenhum espaço para o desejo da liberdade de outros seres vivos.

É interessante que *Los Desposeídos* de Ursula K. LeGuin também mostre um mundo anarquista baseado na racionalização de todos os processos de vida, ainda que sendo uma novela, sua obra não pretende apresentar um mundo perfeito e portanto estimula mais a imaginação.

Ao final, pode ser que o obstáculo mais nefasto para a anarquia não seja nenhuma instituição do Estado nem o Capital senão o racionalismo, a religião que conforma a filosofia e metodologia do controle social.

Para recuperar uma projecionalidade anarquista que nos permitirá sobreviver a um futuro cada vez mais morto e que nos fortalecerá para ganhar os combates que nos esperam se seguimos as linhas do conflito que vamos traçando, necessitamos uma imaginação viva, uma imaginação que aproveite constantemente o esterco do passado para semear visões de novas possibilidades. Aqui os anarquistas temos a vantagem, porque nossos futuros são os mais emocionantes e os mais atrevidos, se só lhes atrevemos reivindicar e difundir.

Ao contrário que a doutrina racionalista, os demais não se acercarão aos imaginários libertários segundo sua credibilidade, seu realismo, o número de notas ao pé de que disponham, senão segundo a força e a presença social das pessoas que lutam para este sonho. O capitalismo

espetacular e pós-industrial pode ser o sistema mais surrealista e ilógico possível. Se tem muitos seguidores, é porque tem muita força.

Quando uma anciã marcha em uma manifestação e imagina a rua livre de carros e repleta de hortas; quando um jovem prende fogo em um centro comercial que ele e seus amigos encheram com galões de gasolina e imagina um bosque crescendo nas ruínas; quando uma mãe entretém a fantasia de autogestionar seu parto com amigas em uma comunidade livre onde sua filha não terá que saber de prisão, de matrimônio, de publicidade que ataca sua autoestima, de contaminação, de educação institucional; quando todos aqueles mundos floresçam paralelamente ao nosso, seremos mais fortes que nunca.

